

As cidades dos santos doutores: a influência de Agostinho de Hipona na obra de Catarina de Siena

The cities of holy doctors: the influence of Augustine of Hippo in the work of Catherine of Siena

Gabriel Moreira Medeiros Laureano

Como citar esse artigo. Laureano, G.M.M. As cidades dos santos doutores: a influência de Agostinho de Hipona na obra de Catarina de Siena. Revista Mosaico. 2018 Jan./Jun.; 09 (1): 27-34.

Resumo

Santa Catarina de Siena e Santo Agostinho de Hipona, dois santos agraciados com o título de doutores pela Igreja Católica produziram obras marcantes sobre espiritualidade e também Teologia. A primeira, pouco conhecida, oriunda de uma família burguesa de Siena, na Península Itálica, se viu aos vinte oito anos envolvida inteiramente em questões delicadas de seu tempo. Encantando a todos com uma enorme erudição, Santa Catarina, por meio da oralidade, bebeu efusivamente da patrística e da tradição da Igreja. O objetivo deste artigo não está em desvendar os meandros da trajetória política da jovem santa de Siena, mas sim em compreender os embasamentos de seu discurso, chamando a atenção, sobretudo, para a grande influência exercida pelos escritos de Santo Agostinho.

Palavras-Chave: Santidade; Igreja Católica; Filosofia da História.

Abstract

Saint Catherine of Siena and Saint Augustine of Hippo, two saints awarded with the title of doctors by de Catholic Church, they have produced remarkable works of spirituality and also Theology. The first, little-known, came from a bourgeois family of Siena, in the Italic Peninsula, and found herself at age of twenty eight involved in the delicate matters of her time. Enchanting everyone with his great erudition, Saint Catherine, through orality, drank effusively of the patristic and the tradition of the Church. The purpose of this article is not to unveil the intricacies of the political trajectory of the young saint of Siena, but to understand the basics of her discourse, especially drawing attention to the great influence exerted by the writings of Saint Augustine.

Keywords:: Sainthood; Catholic Church; Philosophy of History.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo apontar para as relações entre a obra de dois doutores da Igreja Católica: Santa Catarina de Siena (1347-1380) e Santo Agostinho de Hipona (354-430 d.C). Sabemos que Agostinho foi responsável por estabelecer as bases filosóficas do Cristianismo, resolvendo questões delicadas e problemáticas da sua época como a natureza de Deus (sumamente bom) e sua essência em três pessoas; ainda sobre a complementaridade entre a alma e o corpo, bem como outras questões envolvendo a salvação e demais matérias de fé. Assim, suas proposições foram as bases para os demais indivíduos que pensaram a Teologia nos séculos seguintes, e na obra de Santa Catarina não foi diferente: ao estabelecer a figura do Cristo Crucificado enquanto ponte entre o mundo do pecado e a salvação, identificamos aí um eco

das Duas Cidades de Agostinho: a Cidade do Homem e a Cidade de Deus.

Em um primeiro momento apresentaremos uma breve biografia de Santa Catarina, não muito conhecida entre nós, onde poderemos observar elementos muito importantes para a compreensão de sua formação; posteriormente, discutiremos a influência da patrística em seu pensamento, com base nos artigos do congresso sobre a trajetória da citada Doutora que aconteceu em abril do ano 1980, na cidade Roma (a escolha se deu não pela inexistência de outros congressos posteriores, mas devido a quantidade de artigos voltados para a temática da formação); por fim, apresentaremos a obra de Santa Catarina, “O Diálogo” (base para nossa análise comparativa), bem como “A Cidade de Deus” (especificamente a parte de número dois, que mais nos interessa), quando estabeleceremos uma relação entre as duas obras, apontando para os aspectos em comum entre ambas.

Afiliação dos autores: Graduado em História pela Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil e Graduando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil e mestrando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, Brasil.

* Email de correspondência: gabrielshaka@yahoo.com.br

Recebido em: 23/02/18 Aceito em:14/05/18

Para tanto, além da bibliografia pertinente ao assunto, consideraremos como nossas fontes o livro “O Diálogo”, “A Cidade de Deus” e, ainda, as cartas de Santa Catarina, que neste trabalho ocupam o lugar de fontes auxiliares, e nos ajudarão no sentido de clarificar os aspectos da trajetória de vida da jovem doutora.

Catarina Benicasa, uma breve biografia

Catarina Benicasa nasceu em 25 de março de 1347 na cidade de Siena, uma dentre as várias Repúblicas da Península Itálica, filha de Giacomo Benicasa, um tintureiro, e Lapa Piacenti. Teve sua primeira visão ainda muito cedo, por volta dos seis anos, em uma igreja sob a administração dos Dominicanos – Ordem pela qual Catarina sempre nutriu grande admiração, principalmente, por conta da presença de seu primo Tomás della Fonte –; essa experiência foi registrada pelo seu confessor Frei Raimundo de Cápua na Legenda Maior, biografia mais importante da santa.

A suposta visão marcou o início da ferrenha dedicação da pequena Catarina aos assuntos relativos à fé, e logo ela fez o voto de virgindade consagrando-se a Cristo. Seguindo no sentido do voto que havia tomado sobre si, Catarina, aos doze anos, cortou seus cabelos e recusou-se a casar, indo contra a vontade de sua mãe. A partir desse episódio, iniciou as práticas que manteria até sua morte: jejuns e rigorosas práticas de mortificação corporal. Com dezesseis anos, ingressou nas Irmãs da Penitência da Ordem Terceira de São Domingos, depois de alguma resistência por parte das integrantes, que eram mulheres mais velhas e normalmente viúvas. Em 1367, anos depois de ter enfim vestido o hábito da Penitência, Catarina teve sua segunda visão.

Após de ter sido “desposada” por Cristo, iniciou sua vida pública, congregando em torno de si vários discípulos que passaram a chamá-la de “*mamma*”. O mais interessante é que própria Catarina apropriou-se deste título afetivo e tão significativo, utilizando-o em diversas cartas, como, por exemplo, uma em que manda lembranças suas a um de seus seguidores: “Dizei-lhe que prepare os lábios do desejo para receber o leite espiritual, pois a “*mamma*” vai lhe enviar”. (SIENA, 2005, p. 644) Assim, Santa Catarina tinha consciência de seu papel como nutriz e condutora daquele grupo.

A “*mamma*”, portando seu anel símbolo da união com Cristo, sentiu-se impelida para atuar mais ativamente na sociedade, junto aos doentes, aos fracos, e ainda nas questões que concerniam à Igreja de seu esposo. Nesse sentido, Catarina iniciou sua atividade política enviando uma carta, em 1372, ao Cardeal Legado Papal Pedro D’Estaing parabenizando-o pela nomeação, e enviou uma segunda em 1375, desta vez, alertando-o para bem aconselhar o papa Gregório XI nas seguintes intenções: a reforma no Clero, o retorno

do papado a Roma e convocação de uma Cruzada. Esses três objetivos nortearam todas as cartas de Santa Catarina dirigidas a qualquer autoridade que fosse, porém apenas um deles foi realizado, qual seja: o retorno do Papa a Roma em 1376¹. Quanto à Cruzada, ela não tomou corpo devido aos conflitos internos que permeavam toda a Península Itálica, e, especialmente, à Liga Florentina que reuniu diversas cidades contra os Estados Pontifícios. Santa Catarina tentou amenizar a situação entre o Papa e a cidade de Florença, mas não obteve completo êxito, pois tal relação oscilou entre tréguas e períodos de hostilidade. Muito debilitada devido ao seu rigoroso modo de vida, faleceu em 29 de abril de 1380, aos 33 anos, na cidade de Roma e foi canonizada, em 1461, por Pio II.

Formação e influência patrística

A principal influência na formação de Santa Catarina foi a tradição cristã derivada da patrística antiga, sendo esta uma maneira de compreender as fontes, as quais a Santa Doutora da Igreja se embasou. Em sua principal obra, “O Diálogo”, podemos observar a presença dos pensamentos de alguns representantes da Patrística. O livro trata-se, grosso modo, de um suposto colóquio entre Deus e Santa Catarina, dividido em partes alternadas onde ora há uma pergunta da santa e uma resposta do Deus sobre as mais diversas questões envolvendo a fé e moral. O principal fio condutor é a figura do Deus Cristão, o próprio Cristo que, por meio de sua morte na cruz, proporcionou um novo ordenamento para o mundo, impulsionando-o a uma nova harmonia. É bem certo que existem inúmeras contradições dentro desta nova realidade – como aqueles que se afundam nos rios caudalosos do pecado, desistem de lutar pela salvação, ou ainda os membros luxuriosos do clero (frequentemente alvejados pelas críticas ferrenhas da santa) – mas ainda assim ela apresenta uma dinâmica no mundo que se encaminha para esta harmonia, mesmo que, somente no juízo final, ela se concretize de maneira hegemônica. Uma grande semelhança com Santo Agostinho, quando trata das finalidades das duas cidades, pois os habitantes da cidade dos homens são destinados às flamas eternas, enquanto que aqueles da cidade de Deus gozam da eterna paz.

Além de Santo Agostinho, temos a contribuição de Clemente de Alexandria (150-215 d.C.), que também se dedicou à noção de harmonia, e considerou o Verbo Encarnado, o Cristo, como a voz harmonizante do universo. Também Atanásio, na sua luta contra os arianos que se debateram em torno da divindade e humanidade de Cristo, defendia o equilíbrio entre ambos, mas ainda assim dava especial ênfase a fração humana, pois o corpo do Cristo foi o principal instrumento harmonizador.

Clemente Alessandrino considera il Verbo come il canto nuovo che armonizza l'universo non più con la musica tracia (il mitico Orfeo è presente nel parlare di Clemente) ma, disdegnando lira e cetra, strumenti inanimati, salmeggia a Dio per mezzo dello strumento polifonico e canta per mezzo dello strumento che è l'uomo [...] Il corpo, quindi, è lo strumento l'organon, di cui Gesù si serve. In Ambrogio il corpo è l'instrumentum aut organum di cui si serve l'anima del giusto e in cui risuonare le virtù consone alla sua situazione particolare (BIANCO, 1980, p. 63).

Vê-se um grande foco no Cristo como o elemento chave da História do homem, sendo ele o início e o encerramento dos tempos. Mas é o foco sobretudo na crucificação, na figura da cruz². Santa Catarina para referir-se ao símbolo da fé cristã, utiliza a figura da árvore inclusive no sentido de discutir a questão da humanidade e da divindade. Nos apresenta o Cristo enquanto árvore que enxerta a humanidade pecadora em sua infinita divindade, e assim a redime. Mas existe ainda a figura da cruz enquanto ponte para a entrada no coração de Cristo, a cidade do coração, do amor perfeito, portanto, a cidade da alma, de Deus. Figura empregada por Santo Agostinho em quem Santa Catarina certamente buscou embasar-se, como fica claro para nós a partir desta breve discussão em torno da patrística.

No que concerne a ênfase dada à cruz, uma influência de Pseudo Cassiodoro (490-581 d. C.), que em seus textos chamou a atenção para a piedade e compaixão e para a cena da crucifixão, ao que Santa Catarina reforçou ao apresentar os estágios de amor, sendo o último caracterizado por adentrar a chaga aberta do Salvador (BIANCO, 1980, p 64).

Il. linguaggio biblico-liturgico-patristico consente a Caterina di presentare la croce con una notevole varietà di immagini: albero di vita, albero della nave, scala verso il cielo, gonfalone della vittoria, pulpito e cattedra, mensa dove si mangia il cibo delle anime (BIANCO, 1980, p. 66).

Percebe-se que o símbolo da árvore tinha para Santa Catarina um papel central ao se referir a cruz. A figura da árvore, do santo lenho, vem de uma tradição exegetica medieval (representada por S. Bruno) que interpreta na árvore do Gênesis uma prefiguração da árvore mais perfeita, da madeira da cruz. Há ainda a figura do navio, capaz de proporcionar uma navegação nos mares tão tempestuosos e revoltos (mares estes que parecem ser uma referência ao próprio século XIV, marcado por grandes eventos), e navio que também se refere à própria Igreja Católica, a barca de Pedro. O símbolo da árvore, mesmo que amplamente difundido no tempo de Catarina pode ser identificado igualmente na patrística: "*Navicula, crux Christi*" é o termo encontrado nas obras de Rabano Mauro (780-856 d.C.) e Santo Ambrósio (337-397 d.C.), sendo que, para este, é o barco que guia rumo ao eterno (BIANCO, 1980, p.

68).

Existem símbolos utilizados por outros autores da patrística cujo reflexo observamos na obra de Santa Catarina, como por exemplo a figura da escada rumo ao céu; esta figura foi provavelmente retirada da obra de S. João Clímaco (579-606 d.C.), "Escada para o paraíso" (um guia do monaquismo, que apresenta os passos necessários até uma vida totalmente desapegada e ascética, voltada apenas para Deus). Também a figura da mesa onde se come o alimento da alma, um convite a interiorização, ao retorno a cela do coração onde se pode encontrar com Deus. Fugindo de si mesmo, deixando a própria vontade, é a escolha mais acertada rumo ao caminho da salvação, assim também determina Santo Agostinho no que se refere ao caminho até a Cidade de Deus.

Este sentido processual, de caminho, é encontrado no Cristo ponte, também entendido como mediador, a semelhança da primeira experiência mística de Catarina: a visão do Cristo Pontífice, possivelmente atribuída a ela pela narrativa hagiográfica, pois seria uma imagem anunciadora de sua atuação junto as questões da Igreja, bem como elemento basilar de sua Teologia, que sempre entenderá o Cristo como caminho, saída do pecado para a salvação.

Este símbolo é também importante para o embasamento de nossa leitura que interpreta nesta figura da ponte um reflexo, talvez distorcido pelos séculos que separam o Doutor de Hipona da Doutora de Siena.

Caterina, al di là di questa brevissima espressione di Bruno, ha una sua visione teologica e mistica del "ponte"; si potrebbe quasi dire che ha una dottrina del ponte e gliela spiega lo stesso Eterno Padre. Il ponte è il rimedio che Dio Padre ha dato agli uomini per consentire loro di non annegare nel mare tempestoso di questa vita, ed è tale che la sua grandezza tiene dal cielo alla terra perciò non avrebbe potuto farsi di sola terra, ma l'altezza della natura divina si umiliò alla terra dell'umanità. Per avere la vita, non basta che ci sia il ponte, occorre "tenere" per esso, occorre cioè passare sopra il ponte perché la via sopra il ponte è la via della verità, quella sotto il ponte è la via della bugia che percorrono gli iniqui peccatori (BIANCO, 1980, p. 72).

A autora classifica como uma "doutrina da ponte", devido a centralidade que esta ponte adquire na obra de Catarina. É importante ressaltar também a relevância do símbolo do "Cristo Livro" para Catarina, um livro acessível até mesmo aos analfabetos, como ela. O livro, a época de Catarina, já era muito mais acessível do que nos séculos anteriores, e portanto já estava mais inserido na vida cotidiana, mas, para além desse aspecto (pois a própria Catarina era analfabeta) o livro de Cristo o qual pode ser lido por todos quer nos chamar a atenção para a formação da própria Santa Catarina, que se da, em sua maior parte, pela oralidade.

As contribuições de Paul Zumthor muito nos auxiliam na compreensão desta questão, para nós um

tanto intrigante, que é a formação de Santa Catarina e o questionamento básico que permeia, certamente, o trabalho de todo o historiador quando se estuda um indivíduo: em quais fontes ele/ela bebeu? Quais foram suas influências? Zumthor dá ênfase a oralidade, elemento de centralidade na Idade Média, no que tange não só a vida cotidiana, como também a formação intelectual.

Ora, somente estas últimas - constituindo a Igreja institucionalizada - reivindicavam a autoridade de uma Escrita depositária da palavra divina. Os ensinamentos e os rituais da “religião popular” se transmitiam da boca ao ouvido. A voz se identificava ao Espírito vivo, sequestrado pela escrita. A verdade se ligava ao poder vocal dos que sabiam, perpetuava-se só por seus discursos; retalhos do Evangelho aprendidos de cor, lembranças de histórias santas, elementos dissociados do Credo e do Decálogo, afogados num conjunto móbil de lembranças, de fábulas, de receitas, de relatos hagiográficos. Daí pode-se pensar a profundidade em que se inscreviam, no psiquismo individual e coletivo, os valores próprios e o significado latente dessa Voz [...]. (ZUMHTOR, 1993, p. 79)

O conhecimento de Catarina se dava pelos diversos ecos que ressoavam em seu cotidiano: eco das celebrações litúrgicas; eco das conversas com seus discípulos, e das conversas com os teólogos dominicanos aos quais Catarina era sempre atenta. (CENTI, 1980, p. 79-80) Assim, tendo apresentado, de forma mais ampla, a influência da patrística em seus escritos (influência esta, é importante ressaltar, que se deu por meio da oralidade), adiante faremos uma análise comparativa entre os capítulos centrais de “A Cidade de Deus”³³ e “O Diálogo”, em sua versão embrionária, enviada por Catarina ao Frei Raimundo de Cápua – seu discípulo e confessor –, que contém os pontos principais da obra (SIENA, 2005, p. 891). Buscaremos apontar, para além de uma breve apresentação de ambas as obras, os pontos em comum entre a dinâmica das Duas Cidades, como pensado por Agostinho, e o caminho até a Cidade da Alma, do Coração de Cristo, de Catarina.

Cidade de Deus e Cidade da Alma

Nesta última parte de nosso artigo, conforme havíamos citado anteriormente, nos dedicaremos a apresentar a vasta obra de Santo Agostinho, “A Cidade de Deus”, com ênfase especial no que constituem as duas cidades e como foram formadas. Posteriormente apresentaremos “O Diálogo” de Santa Catarina de Siena, considerado por nós análogo à maneira demonstrada por Agostinho, de discutir o caminho até a salvação.

A estruturação de “A Cidade de Deus” está diretamente ligada ao saque de Roma de 410 d. C. por Alarico. A invasão do rei bárbaro fez com que aquele que era considerado o maior e mais grandioso de todos os impérios, sofresse um gravíssimo golpe: sua sede

havia sido conquistada. Tal acontecimento a Roma, cuja duração havia sido legada à eternidade, foi logo associado a presença do Cristianismo, e não apenas isso, sua institucionalização que havia se dado em 313 d. C., por meio do Édito de Milão do imperador Constantino; e a oficialização por Teodósio com o Édito de Tessalônica em 380 d. C., ou seja, a elevação dos cristãos – outrora marginais na sociedade romana – a um lugar central, onde sua religião era a religião oficial de todo o império. O saque nada mais seria do que fruto da ira dos deuses destinada aos cidadãos do império, que os repudiaram em prol do deus cristão. Assim, se levantaram diversas críticas contra o cristianismo, paralelamente a isso, Agostinho, no sentido de defender o seu credo, passou a buscar a relação, confrontar a fé e o tempo, a fé e a História, a fim de encontrar um sentido justificável para o trágico ocorrido de 410. Por isso que, nesta sua vasta obra, o Santo Doutor desenvolve uma Teologia da História, e não necessariamente uma Teologia do Eu como nas Confissões.

Mas por que uma teologia da história? Porque Santo Agostinho associou a História do Homem diretamente a História da Salvação, uma interpretação linear e finita que se encerraria no Juízo Final, logo, de Adão até a segunda vinda de Cristo. Todo o mundo, e todos os seus fatos estão ligados ao mundo cristão, e, por isso, mostra que Roma não era uma cidade eterna: esta alcunha destinava-se exclusivamente a Cidade de Deus, a Jerusalém celeste a qual aspiram os ditos justos e onde um dia de fato gozarão da felicidade eterna, desde que suportem com paciência os sofrimentos em vida e vençam os pecados na Cidade do Diabo, a Cidade dos Ímpios, do mundo (sendo nesta realidade que a cidade de Roma se inseria). Etienne Gilson, em seu livro “A filosofia na Idade Média”, clarifica o pensamento de Agostinho de maneira sistemática ao dizer que os cristãos vivem ao mesmo tempo em duas realidades: no meio temporal, ou seja, em sua pátria, mas também formam juntos uma comunhão entre si e Deus, formam, portanto, essa pátria celeste. Tal realidade está mesclada com o século, mas a história caminha progressivamente para sua separação, que culminará apenas no Juízo Final. Esta obra de Agostinho é considerada uma teologia da história por considerar todos os fatos como fruto do plano maior de Deus, ser ordenador dos tempos. (GILSON, 1995, p. 157)

Quanto ao grande livro de Agostinho, este divide-se em duas partes: a primeira com dez livros tem como elemento central a apologia da fé cristã e o ataque ao paganismo (apontando questões precisas como os rituais aos deuses ditos luxuriosos etc.). Seu objetivo era mostrar que o saque de Roma não esteve, de forma alguma, ligada ao cristianismo, mas tratou-se de uma provação comum destinada a todos, com finalidade de crescimento na virtude. E que Deus esteve presente mesmo em meio ao caos de massacre, roubos,

estupros etc., é, portanto, o grande mistério do Deus presente e ausente, que sempre emerge nas divagações de Agostinho ao longo de seus escritos. A segunda parte, por sua vez, se estende dos livros onze ao vinte e dois, e seu conteúdo gira em torno das duas cidades especificamente. É o próprio doutor quem nos explana esta questão no capítulo um do livro décimo primeiro, intitulado “Esclarecimento a respeito da segunda parte da obra”, ao dizer:

Nos dez livros precedentes, respondia aos inimigos da Cidade Santa, tanto quanto pude, com a assistência de nosso Senhor e Rei. Agora, consciente do que de mim se espera e lembrando-me de minha dívida, empreenderei, confiado no favor do mesmo Rei e Senhor nosso em meu escasso valor, falar da origem, desenvolvimento e fins devidos das duas cidades. Como já dissemos, neste mundo andam ambas misturadas e confundidas uma com a outra. Primeiro direi como a origem das duas cidades remonta à distinção entre os anjos. (AGOSTINHO, 2012, p. 29-30)

É claro a nós o motivo que constitui a parte dois como a mais importante na nossa proposta comparativa. Porém, antes de encerrarmos este breve panorama em torno de Santo Agostinho e sua homônima obra, faz-se necessário esclarecer, mesmo que brevemente, a origem e dinâmica das duas cidades, presentes, como pudemos observar, desde a criação do mundo por Deus. O livro do Gênesis é importante base de “A Cidade de Deus”; o autor recorre a este livro das Sagradas Letras, como diz Agostinho ao referir-se às Escrituras, diversas vezes a fim de bem sustentar suas proposições que versam, sobretudo, a respeito da dualidade e confronto entre bem e mal, presente na dinâmica das duas cidades. Estas tem origem nos anjos, cuja criação é associada ao momento em que Deus ordena a criação da luz. Tal ordem gerou os anjos, seres perfeitos, essencialmente espirituais, mas dotados de livre-arbítrio como alguns outros seres da criação. Nos anjos bons, juntos de Deus, está a origem primeira da chamada Cidade Santa, a Cidade de Deus. Entretanto, com a revolta dos anjos e pelo egoísmo e soberba, fundou-se a Cidade dos Ímpios, do Diabo. Vive-se na segunda por toda a duração dos dias humanos, mas tal caminhada deve ser permeada pela aspiração à primeira, cuja chave de entrada é a paradoxal relação entre o desprendimento e a submissão total da vontade em relação a Deus, o que consiste, segundo Agostinho, na verdadeira liberdade. E partir deste raciocínio é que o autor defende que é natural do homem a proximidade com Deus, só assim ele encontra sua felicidade verdadeira.

Esta dinâmica resume-se muito bem no último capítulo do livro décimo quarto, intitulado “As duas cidades. Origem e qualidades”. Neste curto capítulo, Agostinho resume os pontos mais centrais da relação entre as duas cidades com a humanidade, vejamos:

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o

amor-próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloriosa-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória a Deus, testemunha de sua consciência. Aquela ensoberbece-se em sua glória e esta diz a seu Deus: Sois minha glória e quem me exalta a cabeça. Naquela, seus príncipes e as nações avassaladas veem-se sobre o jugo da concupiscência de domínio; nesta, servem em mútua caridade, os governantes, aconselhando, e os súditos, obedecendo. (AGOSTINHO, 2012, p. 204)

Quanto ao fim das duas cidades, trata-se da condenação eterna aos habitantes da cidade dos ímpios (apresentado no livro vigésimo primeiro), que consiste na chamada “segunda morte”, ou seja, as dores eternas causadas pelas chamas do inferno (um destino conhecido pelo imaginário popular). Por sua vez, os justos que já em vida se portaram com humildade e aspiraram a Cidade de Deus, gozarão da felicidade eterna junto de Deus e de seus santos. Em suma, Santo Agostinho estabelece duas instâncias, sendo a esperança e a humildade (permeadas pela graça da salvação), ou o egoísmo e a soberba, os elementos de transição entre elas. Logo, esperança na salvação trazida pelo Cristo e humildade a seu exemplo implicam na salvação; autossuficiência e distanciamento de Deus em prol das delícias do mundo, levam à condenação.

Também Santa Catarina apresentou dois patamares (não exatamente cidades como Santo Agostinho), mas ainda assim muito semelhantes a essência destas. O meio de transição é o Cristo Crucificado, feito ponte por Deus Pai, ponte a qual os justos atravessam, enquanto os ímpios se afogam no rio caudaloso do pecado. Estas figuras na literatura catariniana é que analisaremos a seguir, buscando sempre que necessário remeter-nos aos escritos de Agostinho, a fim de apresentarmos os pontos de encontro.

Tendo tratado da vida de Santa Catarina e sua formação no início deste trabalho, não há necessidade de mais uma vez retornarmos a este cenário e também fica claro a nós que sua formação, mesmo que embasada na oralidade, englobou importantes autores da Patrística Cristã, especialmente Santo Agostinho. Tal impacto transparece nos escritos da santa, as cartas e sua obra principal “O Diálogo”. Este livro foi iniciado por Catarina no ano de 1377, um ano após o retorno do Papa a Roma, quando Catarina estava na Abadia de Santo Antimo, no vale do rio Orcia, rezando em prol da Igreja, quando supostamente teve um momento de profundo êxtase e união com Deus, tendo assim a ideia da escrita de seu livro. Esta questão aparece em uma carta enviada a seu confessor, Frei Raimundo de Cápua, em resposta a que este havia mandado de Roma, vejamos:

Tal foi a consolação que recebi ao chegar-me a carta do bondoso papai, e a vossa. Sofri muito pelo dano causado à

santa Igreja e por causa de vossa tristeza, segundo quanto experimentei dentro de mim no dia de São Francisco. Fiquei feliz, porque me tirastes a preocupação. Tendo lido as cartas e compreendido tudo, pedi a uma serva de Deus que oferecesse lágrimas e suores em favor da santa Igreja e pela doença do papa. Por graça divina, imediatamente cresceram, fora de medida, o desejo santo e a alegria. Aquela serva ficou esperando que amanhecesse para ir à missa, pois era o dia de Maria. Chegada a hora da missa, colocou-se no seu lugar, meditando sobre a própria imperfeição e envergonhando-se diante de Deus. Elevada por inflamado anseio, fixou o olhar da fé na verdade eterna e apresentou-lhe quatro pedidos, enquanto se conservava a si mesma e seu diretor espiritual diante da Igreja, esposa de Cristo (SIENA, 2005, p. 892).

Rezando pela doença do papa (a quem chama de papai em alguns momentos) e pela própria Igreja, imersa em seus famosos êxtases, dirige a Deus os quatro pedidos que norteiam “O Diálogo”, livro que recebe este nome exatamente por ser organizado em forma dialógica: Catarina fazendo as perguntas e Deus respondendo-lhe em seguida. Os pedidos são: primeiro pela sua salvação; em segundo lugar pela reforma da Igreja; em terceiro por todo o mundo, sobretudo por aqueles inimigos da Igreja, a quem Santa Catarina teve muito contato ao longo de sua trajetória, tentando reatá-los com o Sumo Pontífice; e o quarto e último pedido foi dirigido à Divina Providência, pedindo que cuidasse de todos, mas especialmente de um caso particular (questão nebulosa, pois, nem no “Diálogo” e nem nas cartas, ela menciona de quem se trata: acreditamos que estivesse se referindo ao Frei Raimundo, a quem confiava importantes missões diplomáticas junto ao Papa e seus inimigos). (SIENA, 1985, p. 24)

Com base nos quatro pedidos, o livro organiza-se, portanto, em quatro partes. A primeira, que segue a súplica da santa pela sua salvação, consiste em uma explicação de Deus sobre como os homens podem redimir seu pecado, sendo necessário, para muito além das penitências físicas, uma contrição plena e a conversão do coração. Esta parte intitulada “Roteiro de formação apostólica”, visa exatamente apresentar o caminho de aperfeiçoamento pessoal, contém, para tanto, a figura do Cristo Ponte, a que daremos mais atenção, pois é para nós um paralelo às duas cidades de Agostinho. A segunda parte, “Situação da hierarquia eclesial e perseguições políticas”⁴, trata da situação de Igreja Católica, sobretudo do clero e de sua depravação. É um momento de pesadas críticas dirigidas por Catarina ao clero, algo que nos permite refletir sobre como ela encontrou um lugar seguro, inserida no interior da própria Igreja, para criticar tão abertamente esta mesma instituição. Estranhamente, e de fato não temos explicação para isso, a terceira parte dedica-se a tratar da Divina Providência, intitulada “A Providência Divina”, enquanto que a quarta e última parte (“Obediência e desobediência”) é que trata daqueles que se voltaram contra Cristo e seu Vigário na terra. Talvez uma questão

meramente relativa a estruturação do livro pelos seus secretários.

Voltemos agora nossa atenção para a primeira parte do livro, onde a autora nos apresenta a figura do Cristo enquanto ponte. Com o pecado do primeiro homem, Adão, fecharam-se para a humanidade as portas do paraíso, guardadas a partir daquele dia pelo querubim com espada de fogo (figura bíblica empregada exatamente para reforçar o distanciamento e a separação). O céu e a terra, depois deste momento, não tinham mais ligação. Catarina diz que imediatamente após o primeiro pecado, um rio caudaloso surgiu, tornando ainda mais impossível a passagem até o céu: era o rio de pecado, onde a humanidade inteira – mesmo aqueles que viviam de modo justo e digno – estava imersa e portanto não alcançava a salvação. Tal situação só se tornou mais favorável quando da vinda de Cristo ao mundo, que, com sua morte, permitiu que Deus Pai criasse uma ponte sólida, cimentada pelo sangue de seu Filho, entre o Céu e a Terra. “Neles todos se afogavam; ninguém mais, graças a virtudes pessoais, atingia a vida eterna. Para remediar a tantos males, construí a ponte no meu Filho, que permitiria a travessia do rio [...]”. (SIENA, 1985, p. 67)

A partir deste evento decisivo na história da salvação, a humanidade ficou dividida entre aqueles que insistiam em se afogar no rio do pecado, ignorando a chance dada por Deus, e aqueles que, piedosamente, lutando contra si mesmos e contra o mundo, iniciavam a escalada desta ponte. Escalada muito difícil, mas que contava com o suporte dos ministros de Cristo, ou seja, a Igreja, que, organizada ao longo da caminhada, ajudava aqueles que subiam por meio dos Sacramentos, nutrindo-os. “O rio é proceloso mar desta vida tenebrosa” (SIENA, 1985, p. 67), tal frase aponta que o rio do pecado é uma realidade enfrentada por todos; eis aí um paralelo a Cidade dos Ímpios de Agostinho, ainda misturada com a Cidade Deus. Entretanto, é preciso que não se fique no rio do pecado, não se habitue a ele, como também não se deve deixar levar pelas delícias da Cidade dos Ímpios, mas sim buscar a salvação. Para Agostinho tal dom se alcança pela esperança, pela justiça dos atos e a humildade do ser, e para Catarina pela subida da ponte, que também implica, certamente, em uma vida reta aos moldes da ética cristã.

A ponte de Cristo ainda é descrita no “Diálogo” com três degraus distintos, cada um deles implicando em um estado de amor que nutre o homem por Deus, indo de um amor servil, que deixa o pecado apenas por medo do inferno, até um amor perfeito, que ama a Deus por amar, sem esperar nada em troca.

O primeiro degrau é formado pelos pés; significam o amor, pois como os pés transportam o corpo, assim o (duplo) amor faz caminhar a alma. Os pés cravados na cruz servem-te de degrau para atingir a chaga do peito, que te revela o segredo do coração. Após subir até os pés pelo amor, o homem fixa

o pensamento no coração aberto de Cristo e saboreia sua caridade inefável e consumada [...] Enfim, após atingir o segundo degrau, chega-se ao terceiro, que é a boca de Cristo. Nela o homem encontra a paz, depois de vencer a grande guerra contra as próprias culpas. (SIENA, 1985, p. 73)

Eis portanto os três degraus que significam o crescimento pessoal nas virtudes. Entretanto, é importante ressaltar a ênfase que Santa Catarina dá a figura do coração de Cristo, que mesmo sendo o segundo degrau, metade da caminhada na ponte, recebe grande atenção mais adiante no livro, em uma parte dedicada ao chamado “segredo do coração”. Segundo Catarina, apenas chegando no coração de Cristo é que se toma consciência de Seu grande amor pela humanidade e se desperta para uma fé mais firme. Portanto, é o coração de Cristo que deve ser aspirado pelos cristãos, pois ali se encontra um verdadeiro refúgio contra si mesmo; oferece o conhecimento de si, da oração interior, muito eficaz na luta contra os males do mundo. Aberto a todos, pela lança do centurião, o coração é como a Cidade Santa, deve ser almejado por aqueles justos que desejam a felicidade eterna, e faz oposição ao rio do pecado onde se afogam os ditos inimigos da fé. Uma dualidade clara: se no rio do pecado, carregados pelas suas torrentes, os homens atendem e satisfazem todos os seus desejos, no coração do Cristo eles adquirem o conhecimento necessário para se blindarem a todas estas vontades, é o momento culminante apontado por Agostinho de submissão total e inteira a Deus, sinônimo de felicidade.

Apontamos ainda a noção de comunhão dos cristãos apresentada por Santa Catarina, muito semelhante a ideia de Santo Agostinho de que os cristãos gozam quase que de uma dupla pertença: vivem no mundo e devem zelar por sua família, sua cidade etc., mas todos juntos formam os possíveis habitantes da Cidade Santa, pois o santo doutor considera como natural a tendência do homem em direção a seu Deus e Criador. Em Santa Catarina tal comunhão aparece na subida da ponte, e pela intermediação da Igreja (a mesma instituição que indiretamente Santo Agostinho considera como um reflexo da Cidade Santa na Terra), quando diz: “Da soma de todos vós constitui-se um campo universal, aquele de todos os cristãos, que estão unidos a jerarquia da santa Igreja, da qual recebeis a vida”. (SIENA, 1985, p. 69)

Enfim, não sabemos se é correto afirmar que Santa Catarina estabeleceu também uma teologia da história, assim como Santo Agostinho, e nem era objetivo deste trabalho. Entretanto, é bem certo que assim como o santo doutor que a precedeu, ela também estendeu essa dualidade rio e ponte a toda humanidade, pois “todos vós deveis passar pela ponte [...]” (SIENA, 1985, p. 68) chancelados pela Igreja, que apesar de amplamente criticada por ela, tem uma dimensão divina que não

carece de reforma e é portanto ligada ao céu, a Cristo, ou podemos dizer, a Cidade de Deus.

Considerações finais

A vida de Santa Catarina de Siena permite-nos observar uma intensa atuação política junto às diversas instituições e indivíduos do século XIV, relações estas que foram muito bem estabilizadas pela Santa de Siena. Sua autoridade era embasada, sobretudo, no fato de ter sido considerada uma mística, e por isso ter adquirido fama de porta-voz de Deus e até mesmo em alguns casos de vidente, pois o Papa lhe pedia muitos conselhos a respeito de ações futuras que tomaria. Entretanto, é notável sua erudição, seja nas cartas ou no “Diálogo”, erudição construída em uma formação essencialmente oral, mas que ainda assim se relevou muito eficaz, pois diversas figuras utilizados pelos Padres da Igreja emergem na obra de Santa Catarina, como por exemplo, entre as diversas figuras utilizadas para retratar o Cristo, a figura de Cristo ponte, elemento central. Mas além das influências pontuais destes autores (como Santo Ambrósio, Rabano Mauro, João Clímaco etc.) ficou para nós, ao longo da pesquisa para o presente trabalho, muito destacado um legado de Santo Agostinho. Este estabeleceu como ponto central de sua obra as duas cidades: a Cidade de Deus e a Cidade dos Ímpios; já santa Catarina postulou a dinâmica, igualmente universal em relação a toda a humanidade, do rio do pecado e a ponte que leva até o coração do Cristo.

Pontos por nós considerados de semelhança entre os dois autores, e além das justificativas apresentadas por nós ao longo do artigo, é bem clara a relevância e influência de Santo Agostinho sobre todos aqueles indivíduos que, como Santa Catarina, dedicaram-se a pensar as questões da fé. Por fim, vale ressaltar que a temática da formação de Santa Catarina permitiria inúmeros outros desdobramentos muito mais aprofundados, especialmente se considerássemos as influências e as obras dos demais autores por nós citados.

Referências bibliográficas:

AMARAL, Clínio de Oliveira. *O culto ao infante Santo e o projeto político de Avis (1438-1481)*. 2008. 374 f. Tese de Doutorado - UFF.

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus (contra os pagãos), parte II*. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2012.

BIANCO, Grazia Maria. *Temi patristici in S. Caterina*. In: *Congresso Internazionale di studi Cateriniani*. Siena/Roma, Aprile, 1980.

CAPUA, Raimundo de. *Vida de Santa Catalina de Siena*. Disponível em: <https://www.ebookscatolicos.com/descargas/descargar-pdf-vida-de-santa-catalina-de-siena-beato-raimundo-de-capua/>.

CENTI, Tito S. *Luci e ombre sul tomismo di S. Caterina da Siena*. In: *Congresso Internazionale di studi Cateriniani*. Siena/Roma, Aprile, 1980.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: USP, 2009.

GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LOGNA-PRAT, Dominique; PALLAZZO, Éric; RUSSO, Daniel. *Le culte de la Vierge dans la société médiévale*. Paris: Beauchesne, 1996.

SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005.

SIENA, Catarina de. *O Diálogo*. São Paulo: Paulus, 1985

TUCHMAN, Barbara. *Um espelho distante: o terrível século XIV*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Notas

1. A transferência do papado para Avignon sempre preocupou muito Santa Catarina, além da situação luxuosa e rica da Igreja na França, que, cada vez mais, se afastava da humildade e da pobreza, foram importantes motes para a atuação de Santa Catarina, presente, sobretudo, no seu incessante pedido de reforma no Clero. A transferência se deu devido a um conflito em torno da autoridade temporal entre Felipe IV e Bonifácio VIII, sendo que o primeiro queria obrigar o clero a pagar impostos. Bonifácio VIII reagiu excomungando Felipe IV, e este o tirou à força de Roma, o que levou a sua morte, seguida pela eleição de um novo Papa, Clemente V, na França. Barbara Tuchman diz que: "A partir de então, e com seis papas franceses sucessivos, Avignon tornou-se praticamente um estado temporal de pompa suntuosa, de grandes atrativos culturais e de simonia ilimitada - isto é, da venda de cargos." TUCHMAN, Barbara. *Um espelho distante: o terrível século XIV*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 25-26.

2. A ênfase dada por Santa Catarina ao Jesus crucificado está ligada com o desejo dos santos medievais de vivenciarem um equivalente ao martírio dos primeiros cristãos. Já que não estavam dando a própria vida, de maneira literal, em prol da fé, havia uma forte busca pela associação aos sofrimentos do Cristo, a partir de práticas penitenciais e ascéticas. "A associação entre sofrimento e santidade pode ser apontada como um dado comum aos santos medievais. Embora o autor não demonstre isso, acredita-se que a insistência no papel do sofrimento esteja relacionada, além da imitação de Cristo, ao papel delimitador que teve o conceito de martírio na formação dos santos. Enfim, foram eles os primeiros santos, e seus exemplos de resignação e seus testemunhos marcaram o imaginário medieval." AMARAL, Clínio de Oliveira. *O culto ao infante Santo e o projeto político de Avis (1438-1481)*. 2008. 374 f. Tese de Doutorado - UFF. p.188.

3. Classificação dada por Thomas Merton em sua introdução a edição inglesa de "A Cidade de Deus", que considera os Livros XIX, XIV, XXI, como os pontos centrais da dita obra.

4. O termo "jerarquia" é de língua espanhola, entretanto o motivo de sua escolha pelo tradutor nos é desconhecido, porém é bem certo que tal escolha empobreceu o texto, pois Catarina quando falava em hierarquia queria apresentar uma visão mais ampla da Igreja (para além da instituição em si), uma ideia paulina de Corpo Místico. Esta dimensão divina da Igreja, segundo ela, não precisava de nenhuma reforma e era o sinal de esperança e confiança mediante a tantos problemas.